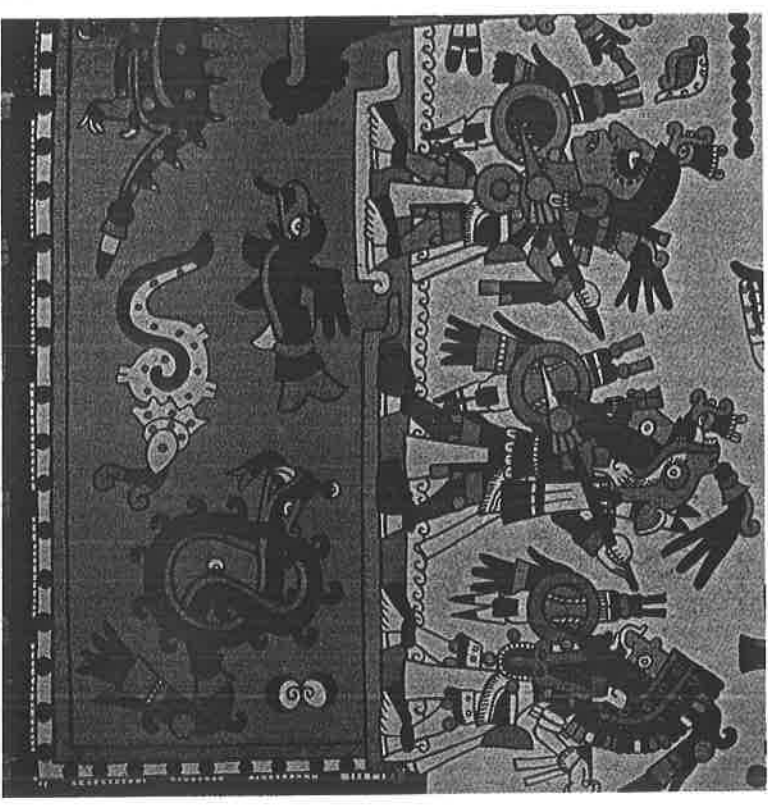


A VIDA COTIDIANA
OS ASTECAS
NA VÉSPERA DA
CONQUISTA ESPANHOLA
•
JACQUES SOUSTELLE



Coleção "A vida cotidiana"

Jacques Soustelle

Paris no tempo do Rei Sol — Jacques Wilhelm
A Itália no tempo de Maquiavel — Paul Larivaille
A República de Weimar (1919-1933) — Lionel Richard
A Holanda no tempo de Rembrandt — Paul Zumthor
No tempo dos cavaleiros da Távola Redonda — Michel Pastoureau
O faroeste (1860-1890) — Claude Fohlen
O Egito no tempo de Ramsés — Pierre Monet
A Rússia durante a Revolução de Outubro — Jean Marabini
Berlim no tempo de Hitler — Jean Marabini
Índios e jesuítas no tempo das Missões — Maxime Haubert
Os deuses gregos — Giulia Sissa e Marcel Detienne
Os homens da Bíblia — André Chouraqui
No mundo do jazz — François Billard
Os astecas na véspera da conquista espanhola — Jacques Soustelle

A sair:

Roma no apogeu do Império — Jérôme Carcopino

Os astecas na véspera da conquista espanhola



COMPANHIA DAS LETRAS

/ CÍRCULO DO LIVRO

Dados de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Souselle, Jacques, 1912-

Os astecas na véspera da conquista espanhola /
Jacques Souselle : [tradução Eduardo Brandão] —
São Paulo : Companhia das Letras : Círculo do Livro,
1990. — (A vida cotidiana)

Bibliografia.

ISBN 85-7164-146-3

1. Astecas. 2. Índios do México - Usos e costumes
I. Título. II. Série.

90-1943

CDD-970.3
.970.42

Índices para catálogo sistemático

1. Astecas : Civilização : México 970.3
2. Índios : México : Costumes 970.42
3. Índios : México : Vida social e costumes 970.42
4. México : Índios : Costumes 970.42
5. México : Índios : Vida social e costumes 970.42

CÍRCULO DO LIVRO S.A.

Caixa postal 7413

01051 São Paulo, Brasil

Edição integral

Título do original: "La vie quotidienne des aztèques à la
veille de la conquête espagnole"

Copyright © 1955 Librairie Hachette

Tradução: Eduardo Brandão

Capa: layout de Ettore Bottini sobre ilustração de três guerreiros
atravessando de canoa um lago (c. 1450), "Codex Nuttall". Biblioteca do
Museu Nacional de Antropologia e História do México (Companhia das
Letras); layout de Natanuel Longo de Oliveira sobre "Narrativa histórica e
genealógica da civilização asteca", C.I.B.N., Paris (Círculo do Livro)
Licença editorial por cortesia de Éditions Hachette

Composto, impresso e encadernado pelo Círculo do Livro S.A.

2 4 6 8 10 9 7 5 3 1

91 93 95 94 92

"Enquanto o mundo existir, jamais a glória e a honra de
México-Tenochtitlán serão esquecidas."

CHIMALPAHIN QUAUHTEHUANTZIN

CAPÍTULO I

A CIDADE

Origem. Situação

O próprio nome da cidade imperial não está isento de mistério. A denominação dupla “México-Tenochtitlán” levanta, de fato, alguns problemas. Tenochtitlán se explica sem dificuldade: é a terra do *tenochtli*, figueira-da-barbária, de fruto duro, representado no glifo¹ que designa a cidade por um cacto nascendo num rochedo. Mas o que significa “México”? Alguns, como Beyer², buscam a solução desse enigma nos elementos restantes do glifo, isto é, a água que, pousada no cacto, tem no bico uma serpente. Essa água seria o símbolo de Mexitl, outra designação de Uitzilopochtli, o grande deus nacional. Outros³ se prendem à etimologia desse nome: apoiando-se na autoridade do padre Antonio del Rincón⁴, descobrem na grafia a raiz da palavra “metzli”, “lua”, e de “xictli”, “umbigo” ou “o centro”. México seria “[a cidade que está] no meio [do lago] da lua”. Tal era o antigo nome da laguna: Metzliapán.⁵ Essa versão parece corroborada pelo fato de que o povo vizinho, os otomis, designava a cidade pela denominação dupla “*ambondo amdetzânâ*”; ora, “*bondo*”, em otomi, significa “figueira-da-barbária”, e “*amdetzânâ*”, “no meio da lua”.

A água pousada no cacto, devorando uma serpente: as armas da atual república mexicana são a reprodução fiel do glifo que designava a cidade asteca. Entre outros textos, o *Codex de 1576*⁶ nos mostra sua imagem, rodeada de figuras de juncos e choupanas. No *Codex Mendoza*⁸, temos de novo a água, mas sem a serpente, com a legenda “Tenochtitlán”. Na realidade, trata-se sempre de um quadro que evo-

ca a origem da cidade, origem ao mesmo tempo maravilhosa e humilde. Mesmo no auge da glória, os mexicanos nunca se esqueciam de que sua cidade fora fundada nos pântanos por uma tribo desprezada.

Uma das narrativas tradicionais revela como os anciãos descobriram primeiro, *inollibit inacubibit*, "no meio dos juncos, no meio dos caníços", certo número de plantas ou animais que o deus Uitzilpochtli lhes anunciara: um salgueiro branco, uma rã e um peixe brancos⁹, etc. "Quando os viram, os anciãos choraram e disseram: 'Assim, é aqui, pois, que será [nossa cidade], já que vimos o que Uitzilpochtli nos anunciou'. Mas, na noite seguinte, o deus chamou o sacerdote Quauhtli [Serpente-Águia] e disse:

"O Quauhtli! Viste tudo o que há ali, entre os juncos, e ficaste maravilhado. Mas escuta: ainda há outra coisa que tu não viste. Vai logo descobrir o cacto *tenochtili*, sobre o qual estará pousada alegremente uma águia... Lá nos estabelecemos, dominaremos, esperaremos, encontraremos pessoas diferentes que com nossa flecha e nosso escudo conquistaremos. Lá se erguerá nossa cidade de México-Tenochtitlán, onde a águia dá seu grito, abre as asas e come, onde o peixe nada, onde a serpente é devorada; México-Tenochtitlán, e nela se farão muitas coisas!"

Quauhtli reuniu imediatamente os mexicanos e lhes transmitiu as palavras divinas. Logo eles começaram a segui-lo, penetrando nos pântanos, em meio às plantas aquáticas e aos juncos, e de repente, "à beira de uma caverna, viram a águia, pousada num cacto, devorando alegremente... e o deus chamou-os e disse: 'Mexicanos, é aqui!' Então, eles choraram, exclamando: 'Enfim fomos dignos [do nosso deus], merecemos [a recompensa], vimos o sinal, admirados: aqui será a nossa cidade'". Isso aconteceu no ano *ome acatl*, "dois-cana", 1325 da nossa era.¹⁰

O *Codex Azcatitlán*¹¹ simboliza o início da vida mexicana em Tenochtitlán com um quadro que mostra alguns índios em canoa, pescando com linha ou rede, outros que guiam os peixes a pauladas para as redes; ao redor deles, tufo de juncos e aves aquáticas.

De fato, esse deve ter sido o modo de vida dos mexicanos daquela época. Esse estilo não os distinguia em nada dos

povos ribeirinhos, que, fora das cidades, consagravam o essencial de sua atividade à pesca e à caça de aves aquáticas.

Chamavam-nos de "*atlaca chichimeca*", "os selvagens lacustres"¹². Seus instrumentos eram a rede e o *atlaltl*, ou propulsor de dardos, ainda hoje empregado na caça às aves do lago. Eles tinham seus deuses: Atlaua, "o que carrega o *atlaltl*", Amimil (de "*mitl*", "flecha" e "*atl*", "água"?) e Opochtli, "o canhoto", "o que lança flechas com a mão esquerda", divindades que ainda eram conhecidas no México na época clássica.¹³ Os mexicanos não deviam fazer melhor figura do que os outros "selvagens lacustres" aos olhos dos cidadãos de Colhuacán, Azcapotzalco e Texcoco. A madeira e as pedras de que precisaram inicialmente para construir sua cidade eram obtidas das tribos urbanas de terra firme, em troca de peixes e animais aquáticos.¹⁴ "Pobrememente, miseravelmente, eles construíram a casa de Uitzilpochtli. O oratório que lhe erigiram era pequeníssimo, pois, estabelecidos em território estrangeiro, onde encontrar pedra ou madeira?... Os mexicanos se reuniram e disseram: 'Compremos pedra e madeira com o que se encontra na água, o peixe, o *axolotl*, a rã, o lagostim, o *aneneztl*, a cobra-d'água, a mosca aquática, a minhoca de laguna, o pato, o *cuachilli*, o cisne e todas as aves que vivem na água. Com isso, compraremos a pedra e a madeira.'¹⁵ No início do século XVI, a lembrança dessa época era comemorada uma vez por ano durante as festas do mês *Etzalquiliztli*. Os sacerdotes iam se banhar cerimonialmente na laguna, e um deles, o *chalchibucacilli* (literalmente, "o sacerdote de pedra preciosa", isto é, "da água"), declarava a fórmula ritual: "Eis aqui a cólera da serpente, o zumbido do mosquito-d'água, o vôo do pato, o sussurro dos juncos brancos". Em seguida, todos mergulhavam, batendo as mãos e os pés, imitando os gritos e os gestos das lacustres: "Alguns gritavam como patos [literalmente: "falavam pato", *cananbultatol*], outros como as gargas-reais, os íbis, as gargas". E o mesmo rito era retomado quatro dias seguidos.¹⁶

Acredita-se que a aparição da águia e da serpente se manifestou a Quauhtli e a seus companheiros no mesmo lugar em que foi construído, no século XV, o templo de Uitzilpochtli, isto é, ligeiramente a nordeste do local onde

hoje se ergue a catedral e a cerca de trezentos metros, na mesma direção, do centro da grande praça atualmente chamada Zócalo. Todas as tradições são unânimes em afirmar que o primeiro templo — que era apenas um “oratório”, *ayuhucalli* — foi construído exatamente nesse ponto. Os sucessivos soberanos não pouparam esforços em dar a Uitzilopochtli um templo digno dele, mas foi sempre no mesmo terreno, terreno sagrado designado pelo próprio deus, que se elevaram, reinado após reinado, os edifícios, as pirâmides e os santuários. Em torno desse centro religioso nacional surgiram os palácios imperiais. Desse ponto partiam também os grandes eixos ao longo dos quais a cidade cresceu. A cidade mexicana é, em primeiro lugar, o templo: o glifo, que significa “queda de uma cidade”, é o símbolo de um templo parcialmente destruído e incendiado. Nessa “casa de deus” — é o que significa a palavra asteca *“teocalli”* — se resume e se concentra a própria essência da cidade, do povo e do Estado.

Esse centro primitivo de México repousava num solo firme, rochoso, e o templo foi construído “ao lado de uma caverna”, *oztotempa*. Tratava-se, em suma, de uma ilha no meio dos pântanos, numa vasta baía da laguna. A costa delineava em torno de Tenochtitlán um vasto arco de círculo, delimitado por cidades e aldeias: Azcapotzalco e Tlacopán a oeste, *Coyocacán* ao sul, Tepeyacac ao norte. A oeste se estendia o grande lago salgado de Texcoco; ao sul, as águas doces dos lagos de Xochimilco e de Chalco. Outras ilhas ou ilhotas se elevavam acima da superfície da baía em torno de Tenochtitlán, em especial a ilha chamada inicialmente de Xaltelolco (“montículo de areia”), depois *Tlatelolco* (“montículo de terra”), situada imediatamente ao norte do sítio em que foi erigido o templo de Uitzilopochtli. A ilha de Tlatelolco era separada da de Tenochtitlán apenas por um braço da laguna, sobre o qual se construiu uma ponte.

É de imaginar o trabalho estafante executado pelas primeiras gerações mexicanas para adequar a seu uso esse complexo de pequenas ilhas, bancos de areia e lama, de pântanos mais ou menos profundos! Povo anfíbio num meio anfíbio, os astecas tiveram de criar um terreno sólido acumulando lama em jangadas de bambu, abrir canais, aterrar cais, construir estradas e pontes. À medida que a população aumenta-

va, os problemas de urbanismo, como diríamos hoje em dia, tornavam-se de solução mais difícil. É um verdadeiro milagre de engenhosidade, da obstinação daqueles homens, que uma grande cidade tenha podido surgir e crescer em tais condições, graças ao esforço de um povo sem terra. O orgulho que eles mostraram mais tarde não era injustificado. Do miserável povoado de choupanas à resplandecente metrópole do século XVI, quanto caminho percorrido! Não é de espantar que os astecas tenham sentido profundamente a grandeza do destino que fizera deles, tão pobres e tão sós, o povo mais rico e mais poderoso.

Extensão e população

Na época da conquista espanhola, a cidade de México englobava, ao mesmo tempo, Tenochtitlán e Tlatelolco. Essa “grande México” era uma criação recente. Tlatelolco fora povoada por uma fração apartada da tribo mexicana, que lá criara sua cidade, com uma dinastia originária de Azcapotzalco. Esta prosperara na guerra e no comércio. Mas a presença, ao alcance de uma flecha, de uma cidade ao mesmo tempo parente e rival não podia ser suportada indefinidamente pelos soberanos mexicanos. O pretexto do conflito foi fornecido pelos próprios *tlatelolca*. Seu soberano Moquinoxtili, que se casara com uma irmã do imperador Axayacatl, tratava sua mulher com desprezo; por outro lado, ambicioso e turbulento, ele buscava alianças contra México em outras cidades do vale. As relações se estremeram a tal ponto, que eclodiu a guerra: em 1473, os astecas invadiram Tlatelolco e apoderaram-se do grande templo. Moquinoxtili morreu, jogado do alto da pirâmide. A partir desse momento, Tlatelolco perdeu sua individualidade e foi incorporada à capital, submetida a um governador.¹⁷

Devido a esse fato, a cidade se estendia do norte ao sul, desde o limite setentrional de Tlatelolco, defronte à cidade costeira de Tepeyacac, até os pântanos que iam se confundir gradualmente com o lago; uma série de povoados marcava

o limite meridional do espaço urbano: Toltenco ("à margem dos juncos"), Acatlán ("lugar de caníços"), Xihuionco ("pradaria"), Atizapán ("água esbranquiçada"), Tepetitlán ("ao lado da colina"), Amanalco ("peça d'água"). A oeste, a cidade se limitava mais ou menos até o local onde se situa atualmente a Rua de Bucareli, Atlampa ("à beira d'água") e Chichimecapán ("o rio dos chichimecas"). A leste, ela se prolongava até Atlixco ("à superfície da água"), onde surgia a água livre do lago de Texcoco. Em geral, a configuração da cidade era um quadrado de três quilômetros de lado aproximadamente, cobrindo uma superfície de mil hectares — podemos recordar, a esse respeito, que Roma, no interior das muralhas de Aureliano, cobria mil trezentos e oitenta e seis hectares. Toda essa superfície fora transformada numa rede geométrica de canais e de aterros ordenada em torno de dois centros principais: o grande templo e a praça de Tenochtitlán, o grande templo e a praça de Tlatelolco, e inúmeros centros secundários: os dos bairros.

Há poucos temas tão obscuros quanto o dos "bairros" de México. Mas pode-se afirmar categoricamente que havia na base da sociedade asteca e, por conseguinte, da divisão territorial, que é a projeção da sociedade sobre o solo, uma unidade chamada "*calpulli*" ("grupo de casas") ou o "*chinmucalli*" ("casa rodeada por uma cerca viva"). É esse termo que os cronistas espanhóis geralmente traduziram por "*barrio*" ("bairro") e que os autores americanos modernos traduzem por "*clã*".¹⁸ Inclino-me a acreditar que os velhos espanhóis compreenderam a realidade melhor do que os arqueólogos atuais. A palavra "*clã*", que evoca certas regras de casamento e de descendência, ou até um "torem", parece-me menos de acordo com os fatos conhecidos do que a palavra "bairro", que designa uma entidade territorial. Antes de mais nada, o *calpulli* era um território, propriedade coletiva de certo número de famílias que o dividiam entre si para explorá-lo de acordo com regras que exporemos adiante. Possuía um rudimento de administração autônoma, sob a direção de um chefe eleito, o *calpultec*, e um templo particular.

É provável que o *calpulli* tenha persistido como a célula essencial da tribo durante a migração e até a fundação da cidade. Quantas unidades desse tipo existiam então? Sabemos

o nome de sete *calpulli* primitivos, mas isso não quer dizer que esse número seja definitivo. Tezomoc¹⁹ enumera quinze na época em que os astecas chegam a Tula, isto é, no fim do século XII. Houve, talvez, vinte no início do período urbano, mas isso não prova que seu número tenha aumentado entre os séculos XIV e XVI.²⁰ Em todo caso, é preciso acrescentar àquelas unidades os *calpulli* de Tlatelolco após a sua anexação: conhecemos sete deles, que eram os bairros dos comerciantes, mas devemos supor que havia outros. Enfim, certos bairros, por exemplo o de Amanatlán, habitado por artesãos especialistas em mosaico de plumas, parecem ter-se agregado à cidade numa época relativamente recente. Como quer que seja, o plano de México, estabelecido em 1789 pelo grande erudito Alzate²¹, relaciona nada menos que sessenta e nove povoados para Tenochtitlán e Tlatelolco. Não se pode afirmar que todos esses povoados tenham correspondido a bairros ou *calpulli*, mas sem dúvida muitos deles pertenciam a essa categoria.

Por outro lado, uma nova divisão etnológica pouco após a fundação de México. As narrativas tradicionais atribuem essa medida ao próprio Uitzilpochtli.²² A cidade dividia-se em quatro seções em relação ao grande templo. Ao norte, Cuepopán ("o lugar em que desabrocham [as flores]"); a leste, Teopán ("o bairro do deus", isto é, "do templo"); ao sul, Moyotlán ("o lugar dos mosquitos"), nome particularmente apropriado, pois era nesse local que os canais e as ruas desembocavam nos pântanos, que foram chamados, na época colonial, de Ciénaga de San Antonio Abad e Ciénaga de la Piedad*, a oeste, Aztecalco ("a casa das garças"). Essa subdivisão em quatro grandes seções estava tão arraigada nos costumes, que os espanhóis a conservaram durante todo o período colonial, limitando-se a dar aos quatro grandes bairros nomes cristãos: Santa María la Redonda (Cuepopán), San Pablo (Teopán), San Juan (Moyotlán) e San Sebastián (Aztecalco).

É evidente que a divisão em quatro seções, atribuída ao deus supremo da tribo, tinha antes de mais nada um caráter administrativo, governamental. Era uma rede de comando

* *Atolero de Santo Antônio Abad; atolero da Piedade (N. do T.).*

superposta à multiplicidade dos calpulli antigos ou novos. Cada seção possuía seu templo e um chefe militar nomeado pelo poder central. Desse modo, ela se distinguiu profundamente do calpulli, que tinha o privilégio de eleger seu chefe; além disso, não possuía terras.

Assim, toda a aglomeração se organizava em torno de seus centros principais e secundários: os calpulli, com seu templo e seus tepochcalli, "casas dos jovens", espécie de colégios religiosos e militares; as quatro seções com seu templo; enfim, os grandes teocalli de Tenochtitlán e de Tlatelolco, os palácios imperiais, os edifícios administrativos.

Qual a população dessa cidade? Embora os imperadores astecas tivessem meios para conhecer exatamente pelo menos o número de famílias residentes em México, nenhum registro de recenseamento chegou até nós. As estimativas dos conquistadores variam entre sessenta mil e cento e vinte mil lares ou casas habitadas.²³ Resta saber quantas pessoas, em média, abrigava um lar. As famílias eram numerosas, e a classe dirigente praticava a poligamia. Se admitirmos, como Torquemada, que um lar compreendia de quatro a dez pessoas, chega-se a uma média de sete habitantes por casa. Mas provavelmente até esse número é inferior à realidade, pois muitas famílias de México possuíam servidores de estrato inferior, a quem chamamos equivocadamente "escravos". De uma maneira arbitrária — o que é deplorável, reconheço, mas não há um meio mais adequado —, podemos admitir que Tenochtitlán-Tlatelolco comportava de oitenta a cem mil lares de sete pessoas, ou seja, uma população total de quinhentos e sessenta a setecentas mil almas. Digamos que essa população tenha sido seguramente superior a quinhentos mil habitantes e provavelmente inferior a um milhão.

É claro, estamos levando em conta apenas a capital. É verdade que, na época a que nos referimos, inúmeras cidades e aldeias de terra firme não eram mais que satélites da cidade principal, subúrbios. Mesmo quando essas localidades, como Tlacopán, por exemplo, conservaram um governo autônomo, aparente, na realidade se achavam reduzidas ao estatuto de simples dependências da capital. Era o caso de Azcapotzalco, Chapultepec, Coyoacán, Xitlilopocho, Iztapalapa, Colhuacán, Mexicaltzinco, de Iztacalco, etc., isto

é, em suma, a maior parte do que hoje forma o Distrito Federal da república mexicana.¹

Eram subúrbios prósperos, como constataram os espanhóis ao chegar a essa região.²⁴ Cortés observa²⁵ que as cidades costeiras se prolongam e se estendem na própria laguna, o que parece indicar que sua população estava aumentando e que, para fazer face às novas necessidades, a gente de terra firme copiava o modo de construção mais comum de Tenochtitlán. Era, pois, uma vasta aglomeração urbana, que, de certo modo correndo o lago depois de ter-se espalhado por suas margens, englobava no centro do vale mais de um milhão de pessoas.

Aspecto geral, vias e trânsito

Todas as testemunhas oculares — os conquistadores que, segundo a expressão de Bernal Díaz, "viram coisas nunca dantes vistas, nem mesmo sonhadas" — são unânimes em exprimir sua admiração diante do esplendor da cidade. O mais frio, o mais calculista deles, seu chefe, Cortés, louva a beleza dos edifícios e se extasia em particular com os jardins, seja elevados em terraços, seja dispostos no solo. Ele observa as ruas, largas e retas, a que correm, paralelos, os canais por onde deslizam as canoas, o aqueduto que leva água doce à cidade, a amplidão e a atividade dos mercados.

Nas cartas enviadas a Carlos V, esse orgulhoso fidalgo acaso não chega a dizer que os índios "vivem quase como na Espanha e com tanta ordem quanto nela"? "É uma coisa admirável", acrescenta, "ver quanta razão eles põem em todas as coisas."²⁶

Quatro dias depois da sua entrada em México, portanto no dia 12 de novembro de 1519, Cortés e seus principais capitães foram visitar o mercado e o grande templo de Tlatelolco, acompanhados do imperador Motecuhzoma II. Subiram ao alto do teocalli de cento e catorze degraus e pararam na plataforma terminal da pirâmide, diante do santuário. Motecuhzoma pegou Cortés pela mão "e disse para ver aquela

grande cidade e todas as outras estabelecidas nos arredores da laguna e muitas outras aldeias construídas em terra firme... No topo daquele grande templo maldito, estávamos tão alto, que dominávamos tudo perfeitamente. E lá de cima vimos as três estradas que convergem a México, a de Iztapalápán, pela qual tínhamos chegado quatro dias antes, a de Tlacopán, pela qual partimos mais tarde em fuga, na noite da nossa grande derrota²⁷. . . e a de Tepeyacac. Víamos o aqueduto que vinha de Chapultepec para abastecer de água doce a cidade e, de espaço em espaço, nas três estradas, as pontes sob as quais a água da laguna entrava e saía de um lado para o outro. Víamos naquela imensa laguna uma grande quantidade de barcos, uns chegando com mantimentos, outros partindo carregados de mercadorias. . . e víamos naquelas cidades templos e oratórios em forma de torres e de bastiões, todos resplandecentes de brancura, uma coisa maravilhosa! — casas com terraços, e outras torres e oratórios semelhantes a fortalezas ao longo das estradas. Depois de observar e considerar tudo aquilo volamos nossos olhos para a grande praça do mercado e a multidão que lá comprava e vendia: o barulho e o zumbido das palavras ressoavam a mais de uma légua. Havia entre nós soldados que estiveram em várias partes do mundo, em Constantinopla, em toda a Itália e em Roma, e eles disseram que jamais haviam visto um mercado tão bem organizado e ordenado, tão grande, tão repleto de gente”.²⁸

Torres altas que se elevam de todas as partes acima das casas brancas, com teto em terraço; uma atividade ordenada, como de um formigueiro; o vaivém incessante dos barcos na laguna e nos canais: tais são as impressões sentidas por nossas testemunhas. A maioria das casas era simples e baixa, retangular, de teto plano. De fato, apenas as moradias dos dignitários podiam ter dois andares. Aliás, é evidente que construções sobre piloris, fundadas num terreno alagadiço, corriam o risco de desmoronar se seu peso ultrapassasse certo limite, a menos que fossem erigidas numa ilha mais sólida, o que era relativamente raro.

A maioria das casas, com suas fachadas sem janelas, escondendo uma vida secreta voltada para pátios internos, certamente era semelhante às de uma cidade árabe, com a

diferença de que eram construídas ao longo de ruas retas e canais retilíneos. Nos subúrbios, ainda se encontravam as choupanas cobertas de palha ou capim, com paredes feitas de caníços entrecruzados e barro, como nos remotos tempos em que sua civilização dava os primeiros passos. Por outro lado, à medida que se aproximava do grande *teocalli* dos palácios imperiais, as dimensões e o luxo das casas aumentavam. Foram os palácios dos dignitários e aqueles que os notáveis das províncias deviam manter na capital, bem como os edifícios oficiais: a Casa das Águas, espécie de clube militar, os *calmecac* ou colégios superiores, os *tlacochcalli* ou arsenais.

Ademais, não se notava nenhuma monotonia na cidade: aqui e ali, elevando-se entre os tetos comprimidos uns contra os outros, surgia um templo de bairro. Em certas ruas, as casas serviam de oficinas para os joalheiros, os ourives, os plumaceros. Em outras, os negociantes tinham seus depósitos. Embora houvesse pouco espaço livre além das grandes praças, México não era uma cidade sem verde: cada casa possuía seu pátio interno, e os aspeas sempre foram apaixonados por flores. Em torno das choupanas dos subúrbios ainda subsistiam jardins rústicos onde as flores e os legumes se misturavam, às vezes sobre *dinampas* flutuantes. Os grandes cultivavam de plantas e flores os terraços de seus palácios.

“As ruas principais”, escreve Cortés²⁹, “são bem largas e retas, algumas delas, e todas as outras, são metade de terra, e a outra metade é um canal pelo qual os índios tratavam em seus barcos. E todas as ruas, de um extremo a outro da cidade, são abertas de tal maneira que a água as atravessa inteiramente. Todas essas aberturas, algumas das quais bastante grandes, são cobertas por pontes de vigas de madeira bastante sólidas e bem trabalhadas, de modo que, em muitas delas, podem passar ao mesmo tempo dez cavaleiros lado a lado.”

Outra testemunha³⁰ confirma essa descrição: uma metade de cada rua era guarnecida de terra batida, semelhante a um paralelepípedo de tijolo, a outra, ocupada por um canal. “Há também”, acrescenta ela, “grandes ruas em que há apenas água. Elas só têm como utilidade receber os barcos e as canoas, conforme o costume do país, pois sem essas embar-

cações não se poderia nem tráfegar nas ruas, nem sair das casas." Ela nos descreve os habitantes "que passeiam conversando, uns na terra, outros na água". Toda essa rede de ruas era cortada por pontes de madeira, que, se necessário, podiam ser retiradas, como, em seu prejuízo, os espanhóis comprovaram quando os astecas os expulsaram da cidade.

Cidade lacustre em toda a sua extensão e até em seu centro (podia-se entrar de barco até o palácio de Morecuhoma), México se comunicava com a terra firme por três estradas elevadas mencionadas por Cortés e Díaz. A do norte, partindo de Tlatelolco, alcançava a margem em Tepexacac, ao pé das colinas onde se erguia o santuário da deusa-mãe Tonantzin, "nossa mãe venerada", e onde hoje se encontra a Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe. A do leste ligava Tenoctitlán à cidade-satélite de Tlacopán. A terceira, ao sul, se dividia em dois ramos: um, dirigindo-se para sudoeste, chegava a Coyoacán; o outro, estendendo-se para o leste, desembocava em Iztapalapán. Na interseção desses dois ramos construiu-se um reduto com duas torres, cercado de uma muralha com duas portas, que dominava toda a passagem. Ao que parece, apenas a estrada do sul havia sido fortificada dessa forma — pois, desse lado, poderia ocorrer uma eventual incursão de guerreiros de Uloxotzincó, uma cidade insubmissa situada do outro lado dos vulcões.

Na realidade, essas estradas funcionavam também como diques, cuja construção fora facilitada devido à pouca profundidade da laguna. Para construí-las, começara-se enterrando no fundo do lago duas fileiras de pedras paralelas; em seguida, acumulava-se entre elas uma mistura de pedras e argila batida. O dique possuía algumas aberturas que permitiam a passagem da água por sob uma ponte de madeira: de fato, às vezes os lagos eram agitados por correntes violentas; logo, seria uma temeridade se não houvesse aberturas por onde elas pudessem se evadir. As estradas assim construídas eram bastante largas, diz Cortés³¹, para que oito cavaleiros pudessem caminhar nelas lado a lado, à vontade. A de Iztapalapán, em México, tinha cerca de oito quilômetros de comprimento "e era tão reta, que não se desviava nem pouco, nem muito", escreve Bernal Díaz.³²

Ao todo, elas assinalavam os eixos principais ao longo dos quais a cidade crescera em torno de seu núcleo original: um eixo norte-sul, determinado pela linha Tepexacac—Tlatelolco—Tenoctitlán (grande templo)—Coyoacán, e um eixo oeste-leste delimitado por Tlacopán e o centro de Tenoctitlán. A oeste, diante das águas do grande lago, encontrava-se o limite da cidade: era pela laguna, de barco, que se fazia a comunicação com Texcoco, onde era possível penetrar, por terra, em direção ao interior, às misteriosas Terras Quentes que sempre cativaram a imaginação dos índios do planalto.

Monumentos e praças

Certamente, havia planos de México na época pré-Cortés: como a administração asteca, que empregava diversos escribas para manter constantemente atualizados os registros de distribuição das terras e de repartição dos impostos, teria negligenciado sua própria capital? Sabemos, de resto, que cada *calpilltec* devia, em primeiro lugar, guardar e revisar, se necessário, as "pinturas" que representavam seu bairro e a divisão deste entre as famílias.

Infelizmente, nenhum desses documentos chegou até nós. O Museu Nacional de Antropologia e História da Cidade do México tem em seu acervo um precioso fragmento, posterior à conquista: o "plano em papel de agave". O que dele subsiste retrata, porém, apenas uma pequena parte da cidade, situada a leste de Tlatelolco.

Tal como está³³, esse plano dá uma boa idéia da estrutura dos bairros, com suas parcelas cercadas de canais e ruas e cortadas pelas grandes artérias de circulação. Só menciono a título de informação o plano grosseiro atribuído a Cortés, que é praticamente inutilizável, com seus floreios infantis e seus quadrinhos, em que as aldeias que circundam México são encimadas por torres à européia.

Como, por outro lado, os monumentos de Tenoctitlán foram vítimas de um vandalismo sistemático, quase único

na história, durante o assédio e logo após a rendição do imperador Cuauhtémotzin, é difícil situar com exatidão a localização dos espaços livres e dos grandes monumentos que os rodeavam e descrevê-los. Só podemos nos basear nas narrações mais ou menos precisas dos cronistas e nos resultados de algumas escavações que puderam ser realizadas no próprio ângulo da cidade moderna. Podemos, enfim, raciocinar por analogia e reconstituir os principais traços arquitetônicos dos edifícios mexicanos, tomando por base os de monumentos astecas poupados pelos conquistadores, fora da capital, notadamente a pirâmide de Tenayuca³⁴.

Ao que tudo indica, a praça central de Tenochtitlán deve ter-se situado no mesmo local onde se encontra atualmente o Zócalo da Cidade do México. Tinha, portanto, a forma de um retângulo de cento e sessenta por cento e oitenta metros, cujos lados mais curtos se voltavam respectivamente para o norte e para o sul. Era margeada, ao norte, por uma parte dos muros do grande templo, dominados nesse local pela pirâmide de um templo do Sol; ao sul, por um canal que corre de leste para oeste; ao leste, por casas, provavelmente de dois andares, ocupadas por dignitários; a oeste, enfim, pela fachada do palácio imperial de Motecuhzoma II, que ocupava o local onde se ergue atualmente o palácio presidencial. O palácio que pertencera a Axayacatl (1469-1481), onde permaneceram alojados os espanhóis quando de sua chegada a México, se encontrava imediatamente ao norte das casas dos dignitários, e sua fachada ocidental estava voltada para os muros do grande templo. Diversos caminhos conduziam a essa vasta praça: o canal mencionado anteriormente, a estrada de Iztapalapa, que passava ao longo do palácio de Motecuhzoma e vinha desembocar na porta sul do templo e, enfim, muitas outras ruas. A estrada de Tlacopán, que seguia mais ou menos o traçado da atual Rua de Tacuba, terminava na parte oeste do templo, ligeiramente ao norte da praça, passando ao longo do palácio de Axayacatl.³⁵

Tanto o solo do Zócalo atual quanto as fundações dos edifícios que o cercam são literalmente crivados de vestígios da escultura asteca, estátuas, fragmentos de monumentos e baixos-relevos. Alguns deles puderam ser exumados, notadamente a pedra de Tizoc, o célebre calendário asteca, e o

teocalli da guerra sagrada. Outros, cujo sítio é conhecido, ainda esperam para ser trazidos à luz. Muitos outros estão, sem dúvida, irremediavelmente perdidos. Majestosa hoje, com a catedral e o palácio presidencial, embora prejudicada em parte por lojas e edifícios comerciais, que impressão a perspectiva dessa praça central devia produzir em Tenochtitlán, sob o reinado de Motecuhzoma I Nela, tudo irradiava o sentimento da grandeza do Estado e da religião que suas instâncias supremas conjugavam nesse lugar: as fachadas brancas dos palácios com terraços coroados de jardins, a multidão com suas roupas reluzentes, que entrava e saía incessantemente pelas grandes portas, a muralha ameadada do *teocalli* e, escalonando-se na distância como um povo de gigantes estáticos, as torres, as pirâmides dos deuses, encimadas por santuários multicores, de onde se elevavam as nuvens de incenso por entre as bandeiras de plumas preciosas. O arroio vertical dos templos combinava com a tranqüila horizontalidade dos palácios, sugerindo que as aspirações dos homens e a proteção divina deviam concorrer para a estabilidade dos poderes.

"Defender o templo de Uitzilopochtli", esse sempre foi um dos deveres essenciais dos soberanos desde o início da vida urbana. É a tarefa que os notáveis confiavam expressamente ao segundo imperador, Uitziluil (1395-1414), e ao verdadeiro fundador do poderio asteca, Itzcoatl.³⁶

O terceiro soberano, Chimalpopoca, parece ter planejado ampliar o templo, e não fossem a fragilidade da sua cidade e as tribulações pessoais, talvez até tivesse iniciado o seu projeto.³⁷ Foi no reinado de Motecuhzoma I Ilhuicamina³⁸ que as primeiras obras importantes foram empreendidas. Esse imperador teve a idéia de convidar, para participar desse empreendimento, as cidades vizinhas de Colhuacán, Cuiclahuac, Coyoacán, Mizquic e Xochimilco, que se comprometeram mais ou menos voluntariamente a fornecer os materiais necessários, em particular a pedra e a cal. O povo de Chalco, ao contrário, recusou o oferecimento imperial, fato que se constituiu numa das causas da longa guerra que terminou em sua derrota.

A obra durou dois anos. O templo foi construído sobre uma pirâmide, a cujo cimo se chegava através de três escadas, a principal ao sul, as outras duas a leste e a oeste. As

três escadas juntas deviam somar um total de trezentos e sessenta degraus, o mesmo número de dias do ano (menos os cinco dias nefastos de fim de ano), isto é, cada uma delas tinha cento e vinte degraus. O monumento foi inaugurado em 1455, depois da vitória de Motecuhzoma, o Antigo, sobre os huastecas, e os prisioneiros pertencentes a essa tribo foram os primeiros a ser sacrificados nesse templo.³⁹

Podemos nos perguntar, contudo, se a tradição que acabamos de relatar não coloca no passado distante acontecimentos na verdade mais recentes: de fato, se o templo construído por Motecuhzoma I já apresentava as dimensões do edifício definitivo, não vemos sentido nas obras realizadas nos reinados seguintes. Tudo leva a crer que o *teocalli* de Uitzilopochtli, como a maioria das pirâmides mexicanas, foi ampliado através de superposição de camadas sucessivas. Portanto, é provável que o templo, tal como foi reconstruído sob Motecuhzoma Ilhuicamina, ainda não havia atingido as proporções desejáveis.

Axayacatl fez alguns arranjos no monumento legado por seu predecessor: colocou no templo o enorme *quauhtemalcatl* ("o disco de pedra das águas"), a pedra de sacrifícios que, dizem, foi arrastada desde Coyoacán, com o auxílio de cordas e toras, por cinquenta mil homens. No entanto, foi apenas nos reinados de Tizoc e Auitzotl⁴⁰ que o grande *teocalli* ganhou a forma como apareceu aos olhos dos primeiros europeus.

Uma estela esculpida, conservada no Museu Nacional da Cidade do México, comemora a inauguração do templo. Ela representa os dois imperadores, cada um com seu nome em hieróglifo e a data *chicuei acatl*, "oito-cana", ou seja, 1487 da nossa era. Tizoc morrera fazia apenas um ano. Ao que parece, foi ele quem tomou a iniciativa de empreender as novas obras.

O *Codex Telleriano-Remensis*⁴¹ nos mostra duas fases dessa empresa. No reinado de Tizoc, em *nani acatl*, "quatro-cana", 1483, "foi colocada a pedra fundamental do grande templo que os cristãos encontraram ao chegar a este país". No quadro correspondente ao ano seguinte, *macuiltl tepcatl*, "cinco-sillex", o glifo do ano é ligado por um traço a um desenho que representa uma pirâmide de quatro corpos eleva-

dos sobre uma base quadrangular, dotada de duas escadas marchadas de sangue; na plataforma terminal, ergue-se o cacto, o símbolo de Tenochtitlán. O comentário espanhol diz: "A aldeia de Tzinacantepec, que estava submetida aos mexicanos, se revoltou. Eles a atacaram e praticaram uma tal carnificina, que não sobrou viv' alma, pois todos os prisioneiros foram levados a México para serem sacrificados no grande templo inacabado".

Para o ano de 1487, o glifo cronológico *chicuei acatl*, "oito-cana", está ligado a um templo, mas dessa vez se trata do templo terminado: no cimo da pirâmide elevam-se dois santuários, um ao lado do outro: um ornado de vermelho em torno da porta e no teto; o outro, em que o vermelho é substituído pelo azul. Veremos adiante o significado desses detalhes. Ligado por um traço à figuração do templo, aparece um *tlequauitl*, o "pau de fogo", de onde saem chamas e fumaça, símbolo do fogo novo que era acendido na cerimônia de inauguração do templo.

Outro traço une o pau de fogo ao glifo de Tenochtitlán. Esse conjunto de imagens, portanto, pode ser assim traduzido: "No ano oito-cana foi inaugurado o [duplo] *teocalli* de Tenochtitlán". Ao lado desses signos, vê-se um homem envolto num manto bordado, sentado numa cadeira de encosto, o *icpalli* real, encimado por um signo que representa um animal fantástico dos lagos, o *auitizotl*: é o imperador que tinha esse nome. Enfim, embaixo e ao redor do templo, há desenhos de guerreiros corados de plumas brancas e penugens, ornamentos rituais dos sacrificados, com o nome das cidades de que provêm em hieróglifo: Xiuhcoac, Cuextlatlán, Tzapotlán.

Sob o desenho dos guerreiros, o signo *xiquipilli* (8 000) repetia-se duas vezes, enquanto o signo *centzonitli* (400) era reproduzido dez vezes, ou seja, ao todo vinte mil. Eis uma tradução aproximada desses desenhos: "Nessa ocasião, Auitzotl sacrificou vinte mil guerreiros originários de Xiuhcoac, Cuextlatlán e Tzapotlán". A lenda espanhola é algo inexacta: "Acabaram de construir e aperfeiçoar o grande templo de México. Os velhos dizem que, naquele ano, foram sacrificados quatro mil homens trazidos das províncias submetidas pela guerra".

Voltaremos a abordar os sacrifícios em outras páginas. Por enquanto, contemo-nos em dizer que o grande templo, tal como os espanhóis o encontraram em 1519, foi inaugurado por Auitzotl trinta e dois anos antes. Infelizmente, as descrições e as narrativas feitas após a conquista em geral são obscuras. De fato, elas confundem, sob a denominação “grande templo”, por um lado o templo de Uitzilopochtli e o conjunto das construções religiosas que se elevavam no centro da cidade; por outro, o templo de Tlalolco. São esses diferentes edifícios que procuraremos distinguir.⁴²

Em primeiro lugar, o próprio templo de Uitzilopochtli: era, de fato, um templo duplo, como mostra o *Codex Telleriano-Remensis*, e a representação é confirmada por vários outros documentos, por exemplo, as ilustrações do texto de Sahagún no manuscrito de Madrid e o *Codex de 1576*. A pirâmide repousava numa base retangular de cem metros de comprimento (eixo norte-sul) por oitenta de largura (eixo leste-oeste) e compunha-se de quatro, talvez cinco corpos, cada um deles de dimensões mais restritas que o corpo imediatamente inferior. Apenas a face ocidental da pirâmide era dotada de uma escada, bem larga e dupla, limitada por balaustradas que começavam com grandes cabeças de serpentes (uma dessas cabeças foi exumada recentemente perto da catedral) e terminavam quase verticalmente, antes de chegar à plataforma. Com seus cento e catorze degraus, essa escada podia figurar entre as mais altas conhecidas no México (o templo de Texcoco tinha uma de cento e dezessete degraus e o de Cholula, uma de cento e vinte, segundo Bernal Díaz). Podemos estimar a altura da pirâmide em cerca de trinta metros.

É sobre essa enorme base que se erguiam, lado a lado na plataforma terminal, os dois santuários. Do lado norte, pintado de branco e azul, o de Tlaloc, o antiquíssimo deus da chuva e da vegetação; do lado sul, o de Uitzilopochtli, decorado com crânios esculpidos e pintados de branco sobre um fundo vermelho. Cada um desses santuários se abria para oeste através de uma grande porta, diante da qual repousava a pedra dos sacrifícios.

Os tetos geminados, de forma piramidal, eram feitos de uma armação de madeira coberta de cimento e cal, que se

prolongava em direção ao céu por uma espécie de muralha ou cumee, semelhante às que encimam os edifícios maias, destinada a aumentar aparentemente a altura dos monumentos.⁴³ Conchas marinhas, símbolos da água, decoravam o teto do santuário de Tlaloc, enquanto o do templo de Uitzilopochtli era ornado de borboletas, símbolos do fogo e do sol. Na plataforma, no ponto em que terminavam as balaustradas, havia estátuas de homens que portavam a haste das bandeiras de ricas plumas de aves tropicais, içadas por ocasião das grandes festas⁴⁴; esses porta-bandeiras constituem um traço típico da arquitetura e da escultura toltecas⁴⁵, retomadas pelos astecas.

Em volta de toda a pirâmide, cabeças de serpentes unidas formavam uma “muralha de serpentes”, *coatepantli*, outro traço tipicamente tolteca⁴⁶.

Assim, com suas dimensões a um só tempo colossais e harmoniosas, erguia-se no centro da cidade e do império esse monumento cercado de veneração e terror. Dizia-se que suas fundações continham inúmeras jóias de ouro e pedras preciosas, que teriam sido misturadas às pedras e ao cimento por ordem dos imperadores. Bernal Díaz confirma essa tradição, e diz ainda que, demolindo o *teocalli*, os espanhóis encontraram esse tesouro enterrado.⁴⁷

Na época a que nos reportamos, o templo duplo de Tlaloc e de Uitzilopochtli não era único. Ele dominava, com sua imponência e altura, uma verdadeira cidade religiosa coberta de pirâmides, encerrada por uma muralha ameaçada com cabeças de serpentes (*coatepantli*), que devia medir cerca de quatrocentos metros de comprimento, de oeste a leste, por trezentos metros de largura. Essa muralha orlava a praça central e o palácio de Morecuahzoma, ao longo da atual Calle de la Moneda. A leste, ela seguia o traçado das atuais *calles de Carmen* e do *Correo Mayor*; a oeste, a das *calles* do Monte de Piedad e de Santo Domingo. Ao norte, dava para um canal, paralelamente ao qual se estendiam a praça e o palácio imperial. Ela comportava três ou quatro portas, fortificadas, e “todos os recintos estavam cheios de armas de diferentes espécies”⁴⁸. Uma tropa de elite as guardava. Da porta meridional, partia a estrada de Izapalapan e de Coyo-

cân; da porta setentrional, a estrada de Tepeyacaci; da porta ocidental, a estrada de Tlacopán.

Sahagún⁴⁹ enumera nada menos de setenta e oito edifícios ou categorias de edifício que faziam parte do *templo mayor*, isto é, desse bairro religioso delimitado pelo *coatēpanitli*. Podemos nos indagar se não há nessa relação um excesso, ou antes, uma confusão, e se o padre não enumerou nesse item alguns edifícios que, na verdade, se situavam além da muralha, em outras partes da cidade. Essa suspeita é fortalecida pelo fato de que vários edifícios citados têm o nome de alguns bairros de Tenochtitlán ou de Tlatelolco, e que Sahagún menciona, na mesma série, *calpulli*, casas de retiro e de jejum situadas nos bairros, junto aos templos locais. Como quer que seja, podemos, antes de mais nada, tentar determinar as diferentes categorias de construções que se erguiam no interior da muralha.

Primeiro, os templos propriamente ditos, os *teocalli* ou *teopán*. Perto de Tlaloc e de Uitzilopochtli, outros grandes deuses tinham sua morada: o templo de Tezcatlipoca, “espelho fumegante”, divindade multiforme da noite, da guerra e da juventude, que chamavam de Yoalli Eecatí, “vento noturno”, Yaotl, “o guerreiro”, Telpochtli, “o rapaz”, elevava sua pirâmide contra o limite sul da muralha, em frente ao palácio imperial; o de Quetzalcoatl, “a serpente de plumas preciosas”, herói civilizador e deus do vento, situava-se no eixo da escada principal da grande pirâmide, cerca de cem metros a leste desta.

Ao contrário dos outros, era um edifício redondo, em forma de um cilindro elevado sobre uma base piramidal. Penetrava-se nesse santuário por uma porta esculpida e pintada de maneira a representar a cabeça de uma serpente. “A certa distância da grande pirâmide”, escreve Bernal Díaz, “havia uma torre menor, que também era uma casa de ídolos, ou antes, um verdadeiro inferno, pois a porta era representada por uma boca pavorosa, como aquelas retratadas pelas pinturas e que, segundo dizem, acham-se no inferno, com seus dentes enormes, para engolir as almas danadas... Sempre chamei essa casa de Inferno.”⁵⁰

Podemos imaginar facilmente a aparência do templo de Quetzalcoatl lembrando-nos do edifício circular de Calixtlahuaca, nas proximidades de Toluca, construído naquela região *malaltzinca* sob o domínio asteca.⁵¹ As construções circulares são raras no México, país da pirâmide e das aras vivas. A maioria das construções eram dedicadas ao deus do vento, que preferia, segundo a lenda, formas redondas, que não interrompem o fluxo do ar. Quanto à entrada em forma de cabeça de serpente, conhece-se um exemplo impressionante: o do templo asteca de Malinalco.⁵²

Podemos localizar também o templo da deusa-mãe Cihuacoatl, “serpente-mulher”, e o Coacalco, “casa da serpente”, igualmente chamado Coateacalli, “templo da serpente”, que se elevavam um ao lado do outro no ângulo noroeste da muralha. O Coacalco era um panteão: “Era lá que moravam os deuses de cidades [altepetetes] que os mexicanos aprisionavam em todas as cidades que submetiam: eles os traziam consigo, colocavam-nos no templo e ali os guardavam, no Coacalco.”⁵³ O ecletismo religioso dos astecas levava-os, com efeito, a reunir junto de seu deus nacional o maior número possível de divindades originárias de todas as partes do império.

Enfim, sabemos que o templo do Sol ocupava a extremidade sudoeste da cidade religiosa, diante do palácio de Axayacatl.

Em torno dos templos propriamente ditos se elevavam um grande número de anexos consagrados ao culto: lugares de prece, de penitência, de sacrifício. Nos *quauhtxicalli* (“lugar onde se encontra o *quauhtxicalli*”, recipiente ritual em que se depositava o coração das vítimas sacrificadas), o imperador e os sacerdotes jejuavam e faziam penitência, enfiando espinhos de agave nas próprias pernas para oferecer seu sangue aos deuses. Nos *tzompantli* expunham-se os crânios dos sacrificados. Amarrados frouxamente por uma corda ao *temalacatl*, enorme disco de pedra deitado sobre uma pirâmide de baixa, corajosos cativos travavam o derradeiro combate contra guerreiros astecas.

Os *calmecac* eram, ao mesmo tempo, mosteiros e colégios. Nessas instituições residiam os sacerdotes, homens austeros, esgotados pelas macerações, de aspecto bravo, com suas túnicas negras e os cabelos ao vento; era lá, também, que os jovens da classe dirigiam o aprendizado dos

ritos, dos glifos e da história de seu país. Cada templo possuía seu *calmecac*, onde sacerdotes e jovens conviviam.

Várias fontes jorravam no interior da muralha, onde, como assinala Díaz, desembocava também o aqueduto de Chapultepec, através de um canal coberto, alimentando um pequeno lago. Os sacerdotes do fogo se banhavam, à noite, no Tiliapán, "a água escura". Outra fonte, a Tloxpalatl, abastecia de água potável não só os sacerdotes, mas também as "pessoas comuns". O grão-sacerdote do Coacalco banhava-se solitário num riacho ou pequeno lago chamado Coapán.⁵⁴

Enfim, essa cidade dos deuses encerrava em suas muralhas edifícios para uso mais profano. Começamos pelo Tlachtili, local destinado ao jogo da péla (ao mesmo tempo divertimento dos dignitários e representação ritual), cujas longas paredes paralelas se estendiam na direção leste-oeste, a oeste do templo de Quetzalcoatl, entre este último e a muralha. Descobriu-se nesse local uma bellissima estátua de Xochipilli, "o príncipe das flores", deus da juventude, da música e dos jogos. O jogo da péla era muito apreciado por todos os povos civilizados do México antigo. O povo de Tenochtitlán o havia importado de seus vizinhos do vale, que, por sua vez, o receberam dos toltecas, e dedicava-se a ele com frenesi.

Vários edifícios denominados *tlacochealli* ou *tlacochealco*, "casa dos dardos", serviam de arsenais não só para a eventual defesa do templo, mas também para as operações militares. Eram guardados por soldados, e sua responsabilidade era exercida por um alto funcionário militar, o *tlacocheacatl*.

Duas casas serviam de moradas provisórias "para os senhores de Anahuac, para os que vinham das cidades longínquas. E Motecuhzoma os recebia com honrarias, oferecia-lhes presentes, mantos luxuosos, colares preciosos ou esplêndidas pulseiras".⁵⁵ Enfim, um edifício especial, o Mecatlán, constituía a escola e a sala de ensaios dos *tlapizque*, músicos que tocavam flauta ou outros instrumentos de sopro durante as cerimônias.

Assim se apresentava, em sua viva complexidade, o imenso conjunto de construções altas e baixas, de torres, de mu-

ralhas e tetos, bordadas por baixos-relevos, fulgurantes de brancura e de cor; ali nasceu a cidade, ao redor de uma choupana de junco; era ali que ela pereceria sob o clamor das bombardas e as chamas dos templos incendiados. Mas, à medida que incrementavam o crescimento da cidade e do Estado, os soberanos do império promoviam, como os deuses, a substituição da pobreza pela opulência e do casebre pelo palácio. Ao que parece, cada imperador fazia questão de construir sua própria morada.

Ná época em que os espanhóis entraram em México, subsistiam o palácio de Auitzolli, edificado ao norte do grande *teocalli*, e o de Axayacatl, onde eles se instalaram. Como vimos, este último situava-se defronte à muralha de serpentes erigida na face oeste. Quanto a Motecuhzoma II, ele residia no grande palácio, que chamavam de "casas novas" (Casas Nuevas), cujas dimensões e luxo deixaram os aventureiros estupefatos e maravilhados.

O grande palácio ocupava, a leste da praça, um espaço quadrado de cerca de duzentos metros de lado. Era uma verdadeira cidade, com inúmeras portas, através das quais se podia penetrar tanto a pé como de barco. "Várias vezes entrei na residência do soberano", declarou uma testemunha⁵⁶, "só para vê-la. A cada vez, percorria-a até me cansar; no entanto, nunca a conheci inteiramente." Devemos imaginá-la como uma combinação de edifícios, alguns dos quais, pelo menos, de dois andares, agrupados em torno de pátios retangulares ou quadrados, ocupados por jardins.

Os aposentos do monarca estavam situados no andar superior, de acordo com o *Códex Mendoza*, que também nos revela cômodos reservados, no mesmo andar, aos reis das cidades associadas de Texcoco e de Tlacopán. As salas do térreo abrigavam o que hoje chamaríamos de as principais engrenagens dos poderes públicos e do governo⁵⁷; os supremos tribunais "Civil" e "Criminal" e o Tribunal Especial, que julgava os dignitários acusados de crimes ou delitos graves, como o adultério; o Conselho de Guerra, de que participavam os principais líderes militares; o Achcauhcalli, onde se reuniam os funcionários de segunda ordem, encarregados de executar as decisões da justiça; o Petlcalco, Tesouro público, onde eram acumuladas consideráveis reservas de mi-

lho, feijão, cereais e diversos comestíveis, roupas, mercadorias de toda natureza; a sala dos *calpixque* — a “Secretaria da Fazenda”. Outras salas eram utilizadas como prisões, seja para manter prisioneiros de guerra, seja para confinar os condenados pela justiça.

Todavia, além disso, uma enorme quantidade de salas e pátios se adequavam a esse gênero de vida luxuoso e requintado adotado pelos monarcas mexicanos, que, sem dúvida, os dignitários mais importantes imitavam de acordo com seus recursos. Aqui, os jovens das escolas de bairro vinham, à noite, cantar e dançar, enquanto em outra sala cantores e músicos experientes se mantinham atentos para satisfazer todos os desejos do soberano — e tinham à mão tambores e flautas, chocalhos, máscaras, perucas, roupas de diferentes províncias para atender a todos os pedidos do amo. Ali, artesãos de dedos delicados cinzelavam jade, derretiam ouro ou ajustavam os mosaicos de plumas. Mais além o *totocalli*, “casa dos passarinhos”, ressoava com o canto de todas as jóias aladas da natureza tropical. Em outro lugar, jaguares e pumas rugiam nas jaulas de madeira. Nos jardins, para onde foram transplantadas as flores mais raras e as ervas medicinais de todo o país, vastos espelhos de água acolhiam os patos, os cisnes e as gargas.

Moteczuhzoma, escreve Cortés, “tinha seu palácio na cidade, tão maravilhoso, que me parece quase impossível descrever-lhe a beleza e a grandeza. Limitar-me-ei a declarar que não há nada semelhante na Espanha”.⁵⁸ São expressões bastante fortes para a pena de um fidalgo espanhol que se dirige a Carlos V. Mas as descrições de Bernal Díaz, caracterizadas pela sua ingenuidade que garante a exatidão da narrativa, não são menos entusiasmadas.⁵⁹

Teremos a oportunidade de voltar a tratar dos detalhes que podem nos permitir representar o contexto em que viviam os dirigentes do Estado mexicano. Por enquanto, contentemo-nos em ter situado, em nosso quadro geral da cidade, a sede dos poderes ao lado dos santuários e em imaginar o espanto e a admiração de um provinciano, de um índio da costa ou das montanhas ao chegar a México e contemplar a floresta de pirâmides do *totocalli* ou a ostentação das fachadas e dos terraços do palácio imperial. O efeito gran-

diioso que esses monumentos deviam produzir era intensificado pelos inúmeros baixos-relevos, estátuas e esculturas de todo tipo, sagrados na maioria, às vezes profanos, que decoravam os edifícios, povoavam os santuários e as salas, delimitavam as muralhas e as praças. O que deles subsiste no Museu Nacional, apesar das destruições maciças ocorridas no século XVI, nos causa confusão pela quantidade, pelas dimensões e pela perfeição.

A praça central de Tenochtitlán, como, aliás, as dos bairros, provavelmente servia de mercado. “Esta cidade tem várias praças”, escreve Cortés, “onde há, com frequência, feiras e onde se compra e se vende.” Mas, acrescenta, “há outra, duas vezes maior que a cidade de Salamanca, inteiramente cercada de arcadas, onde todos os dias há mais de sessenta mil almas, comprando e vendendo, onde se encontram todas as espécies de mercadorias de todas as províncias, quer se trate de gêneros alimentícios e mantimentos, ou jóias de ouro e prata”, etc.

Trata-se, é óbvio, da praça de Tlatelolco. Os habitantes dessa cidade sempre foram conhecidos como particularmente afeitos ao comércio; e, depois de sua anexação, Tlatelolco tornou-se o principal bairro comercial de México. “Quando chegamos à grande praça que chamam de Tlatelulco”, escreve Bernal Díaz, “como nunca havíamos visto coisa igual, ficamos estupefatos com a multidão de gente e mercadorias que lá se encontravam, e com a ordem e a organização que ali reinavam.” O autor da *Relation abrégée* afirma que de vinte a vinte e cinco mil pessoas iam todos os dias a essa praça para comerciar, mas que, a cada cinco dias, se realizava uma grande feira que atraía de quarenta a cinquenta mil pessoas.

Todos os depoimentos relatam de maneira idêntica a extraordinária variedade desse imenso mercado, bem como sua ordem. Cada mercadoria tinha um lugar estabelecido e delimitado, formando como que ruas, “da mesma maneira como se fazia em minha terra, em Medina del Campo”, escreve Bernal Díaz, “quando lá se realizam feiras”. Aqui, vendiam-se jóias de ouro e prata, pedras preciosas, plumas multicores trazidas das Terras Quentes; ao lado, escravos, uns livres de grilhões, outros com pesadas coleiras de madeira, esperavam

com resignação o comprador; mais além, homens e mulheres barganhavam mantos, tangas e saias de algodão e fios de aloés.

Calçados, cordas, peles de jaguar, de puma, de raposa e veados, cruas ou curtidas, acumulavam-se em seus devidos lugares, bem como as plumas de águia e gavião. Vendiam-se milho, feijão, grãos oleaginosos, cacau, pimenta, cebola e mil espécies de legumes, verduras ou ervas; perus, coelhos, lebres, caças, patos e cachorrinhos gordos, sem pêlo e mudos, muito apreciados pelos astecas; frutas, batatas-doces, mel, xarope feito com o suco do caule do milho ou do agave; sal; tinturas para tingir e escrever, cochonila, anil; louça de barro de todas as formas e dimensões, cabaças, vasos e bandejas de madeira pintada; facas de sílex e de obsidiana, machados de cobre; madeira para construção, tábuas, vigas, lenha, carvão de madeira, tochas resinosas; papel de casca de árvore; cachimbos de bambu, cheios e prontos para serem fumados; todos os produtos das lagoas, desde os peixes, as rãs e os crustáceos até um tipo de "caviar" de ovos de insetos, recolhido na superfície da água; esteiras, cadeiras e bancos, fogareiros...

"Que mais quereis que vos diga?", exclama Bernal Díaz. "Com o devido respeito, havia até, amarradas nos pântanos não longe do mercado, canoas que se vendiam cheias de excremento humano, e que era utilizado para curtir peles... embora, sei muito bem, haja senhores que escarnecerão disso." Existia em toda parte um amontoamento prodigioso de mercadorias, uma inaudita abundância de artigos de todo tipo, que uma multidão compacta — rumorante, mas não barulhenta, como ainda são as multidões índias de hoje, sem pressa, séria — cercava, perambulando ao longo das bancas. "Existem [nesse mercado]", diz Cortés, "casas como as dos boticários, onde se vendem medicamentos prontos para serem bebidos, unguentos e emplastos. Há lojas de barbeiros, onde se lavam e se cortam cabelos; há casas em que se pode comer e beber pagando." De fato, mulheres cozinhavam em fogareiros, em pleno vento, e ofereciam aos fregueses ensopados, papas de milho temperadas, ou ainda doces de mel com gostosas broas de milho — *tlaxcalli*, a *tortilla* mexicana

— e saborosos *tincales*, cuja massa de milho, cozida no vapor, era recheada de feijão, carne e pimenta.

Podia-se perambular o dia inteiro por essa festa comercial — e, com certeza, ninguém se privava disso —, nela fazer as refeições, encontrar parentes e amigos, ao longo das passagens margeadas de montículos de frutas e tecidos multicolores, conversar calmamente com uma índia acocorada, atrás de legumes, divertir-se com a cara feroz de um otomi que viera das montanhas para vender peles de animais, ou contemplar com inveja a próspera aparência de um *pochtecatl* (negociante) recém-chegado das fabulosas plagas do sudeste, com suas plumas de papagaio e jóias de jade translúcido.

Impassíveis, caminhando de um lado para outro na imensa praça, os "encarregados do mercado" (*tianguizpán tlayacague*) fiscalizavam, calados, a multidão e os comerciantes. Uma discussão se elevava, um comprador queixava-se de fraude, um passante reconhecia numa banca uma mercadoria roubada? Vamos embora! Todo mundo era escutado com firmeza até o tribunal permanente, instalado numa extremidade do mercado, onde três juízes se revezavam e o julgamento era pronunciado de imediato. Condenado à multa, o delinqüente mandava buscar membros de sua família, que chegavam esbaforidos, trazendo nas costas uma carga de *quachtli*, cortes de tecido que serviam de unidade monetária. E a multidão, satisfeita, continuava a ronda, como formigas, entre as galerias cobertas que orlavam a praça, ao pé da alta pirâmide do templo de Tlaxelolco.⁶⁰

Os problemas de uma cidade grande

Uma aglomeração tão vasta e tão povoada certamente causaria a seus dirigentes problemas que seus fundadores, dois séculos antes, nem sequer imaginavam. O do abastecimento, a julgar pela abundância dos mercados, estava resolvido sem dificuldade — de fato, miríades de barcos não cessavam de convergir para a cidade lacustre, abarrotados de gêneros alimentícios. Notemos, de passagem, que num país onde não

havia animais de tração ou de carga e que não conhecia um veículo terrestre, o transporte fluvial era sem dúvida o mais eficaz e rápido.

Era precisamente a água a fonte das maiores dificuldades enfrentadas pelos mexicanos. O vale de México era moldado de tal forma pela natureza que lá se padecia ao mesmo tempo de dois inconvenientes contraditórios: hoje, como naquela época, há ou escassez ou excesso de água, sofrem-se ou inundações ou seca. Nas estações das chuvas, tempestades extremamente violentas acumulam num piscar de olhos no fundo dessa vasta bacia uma camada de água que só escoava muito lentamente. Nas estações secas, o abastecimento de água potável de uma grande cidade torna-se difícil. A parte do lago em que se edificara México era pouco profunda: a evaporação exauria gradualmente o lençol de água. Mas, naquela época, o clima do vale talvez fosse mais úmido e, em geral, melhor do que aquele que predomina hoje em dia, porque menos submetido a variações extremas. O desaparecimento do lago não causou nenhum benefício: tal foi o preço da luta contra a inundação.⁶¹

Em princípio, os mexicanos não deviam enfrentar dificuldades para abastecer-se de água potável: as fontes que jorravam do solo da ilha central eram suficientes. Como vimos, essas fontes ainda abasteciam em parte a população no século XVI. Quanto à água do lago, não se prestava ao consumo, pois era demasiado salobra. Quando os infelizes defensores da cidade foram obrigados a bebê-la, esse líquido só agravou seus sofrimentos.⁶²

A medida que a população aumentava, as fontes tornavam-se insuficientes. A única solução consistia em trazer para a cidade a água potável proveniente de fontes que jorravam da terra firme. A de Chapultepec, a oeste de Tenochtitlán, era bastante conhecida dos astecas. Para estes, ela evocava lembranças lúgubres, pois foi lá, no início do século XIV, que sua tribo, ainda errante, sofreu a mais terrível derrota de sua história e viu seu chefe, Uitziluil, o Aníquo, ser capturado com as duas filhas para perecer na escravidão em Coahuacán.⁶³ Mas Chapultepec ("a colina do grilo") tornara-se, sob Moteuczoma I, um anexo da capital, com sua madeira

de árvores renomadas e seus rochedos, aos pés dos quais jorrava água abundante.

Talvez, durante algum tempo, os mexicanos tenham se contentado em levar a água dessa fonte em recipientes de barro transportados por barco, mas esse meio logo deve ter-se revelado insatisfatório. Foi então que surgiu a idéia, no reinado de Moteuczoma I, da construção de um aqueduto, que, partindo da fonte, se estendia por cinco quilômetros, até o centro da cidade, no recinto do grande *teocalli*. Era feito de pedra e cimento e — todos os testemunhos concordam quanto a esse ponto — comportava dois condutos, cada um deles da largura do corpo de um homem. Utilizava-se apenas um conduto de cada vez. Periodicamente, fazia-se a água passar de um ao outro, a fim de se proceder à limpeza de um deles.

Devido ao plano geral da cidade, o aqueduto devia atravessar inúmeros canais. Cortés, que parece ter ficado particularmente impressionado com a engenhosidade dessa construção, descreve as pontes côncavas, "grandes como um boi", que passavam sobre os cursos de água. Instalados nessas pontes-canais, operários especializados, mediante pagamento, enchiam de água potável as jarras que os barqueiros lhes estendiam. Estes, por sua vez, vendiam o líquido na cidade. Havia fontes públicas; pelo menos, existia uma fonte principal no centro da capital, onde as mulheres costumavam encher seus cântaros.⁶⁴

O aumento da população tornou obsoleto o aqueduto de Chapultepec. A construção do segundo aqueduto, empreendida e concluída no reinado de Auizotl, revela ao mesmo tempo a expansão da cidade e a administração inteligente de seus governantes. Esse aqueduto trazia água de Coyoacán e passava ao longo da estrada de Iztapalapa.

A execução da obra foi precedida de uma tentativa infeliz — prova de quão frágil era o equilíbrio natural do lago e das ilhas —, cuja narrativa, do modo como chegou até nós, está repleta de incidentes mágicos, tal o efeito dos acontecimentos sobre os espíritos. De fato, Auizotl planejava "canalizar" as águas de uma fonte chamada Acuecuxatl, situada entre Uitzilopochco e Coyoacán, no território desta última cidade.

Segundo Tezozomoc, o imperador enviou emissários ao encontro do senhor de Coyoacán, um célebre mago, que, como Proteu, se transformou, ante os olhos aterrorizados daqueles, em águia, jaguar, serpente, num turbilhão de chamas. No entanto, os emissários passaram-lhe uma corda no pescoço e acabaram por estrangulá-lo. Logo começaram as obras, e em pouco tempo o aqueduto estava pronto para transportar a água até o centro da cidade.

A conclusão da obra foi celebrada com grandes festas: um dos sumos sacerdotes, de joelhos, bebeu a água da fonte, enquanto seus acólitos tocavam instrumentos e os "cantores de Tlaloc" entoavam hinos, ritmados pelo gongo de madeira, em homenagem aos deuses da água. "Que vossa água seja bem-vinda a México-Tenochtitlán, situada no meio dos juncos do lago!", cantavam. Mais além, vítimas humanas foram sacrificadas, e, por fim, o próprio imperador, corado de ouro, saudou a entrada da água em Tenochtitlán oferecendo-lhe aves, flores e incenso. "Ó *Chalchihuitlicue* [a que tem uma saia de pedra verde, deusa da água], exclamou ele, 'se bem-vinda à morada de Uitzilpochtli!'"

Mas a fonte de Acuecuexatl agitava-se, e a água jorrava impetuosamente, com uma violência cada vez maior. O aqueduto não era capaz de dar vazão à água, e, ao cabo de quarenta dias, a situação era grave: o nível do lago subia constantemente; primeiro, os pescadores deram o alarme; depois, a água invadiu a cidade, destruindo as casas e ameaçando até mesmo Auitzotl, que teve de se refugiar no grande templo. Nas margens e nas ilhas, os campos de milho foram destruídos, e o espectro da fome tornou-se ameaçador. Inúmeras pessoas se afogaram, e a cidade começou a ser evacuada.

Tanto Tezozomoc, cronista mexicano que costuma exaltar seu povo e os antigos soberanos, quanto Ixtlilxochitl, cuja história é visivelmente parcial, em favor de Texcoco, relatam que, reduzida àquela calamidade, vendo os mexicanos se queixarem e temendo uma revolta, Auitzotl recorreu a seu aliado Nezahualpilli, rei de Texcoco. "Terias evitado essa desgraça", disse-lhe este, em primeiro lugar, com certa razão, "se tivesses seguido o conselho do senhor de Coyoacán, em vez de mandar matá-lo."

A seguir, assumiu a direção das operações mágico-técnicas: vários dignitários foram sacrificados, e o coração deles lançado na fonte, junto com pedras preciosas, ouro e tecidos bordados. Depois, quinze homens mergulharam na água e conseguiram obstruir as aberturas por onde ela jorrava com grande violência.

A próxima etapa consistiu na construção de uma espécie de caixa de cimento para vedar definitivamente a perigosidade da nascente. A inundação custou caro ao soberano e à cidade: inúmeras casas a serem reconstruídas, inclusive o palácio de Auitzotl; dez cargas de *quachli* — uma pequena fortuna — a cada mergulhador; duzentos mil carregamentos de milho distribuídos à população esfamada; trinta e dois mil barcos divididos entre os habitantes para transportar os pertences salvos da tragédia; e ainda a distribuição de roupas aos sinistrados. Ixtlilxochitl chega até a conjecturar que essa inundação tenha sido a causa da morte do imperador, pois, "achando-se num aposento do terreiro que dava para os jardins, ele teve de fugir da água que penetrava com furor e bateu a cabeça no batente de uma porta com tamanha força, que se feriu gravemente e acabou morrendo".⁶⁵

Essa inundação é, sem dúvida, a mais célebre registrada na Antiguidade pré-hispânica, mas certamente não foi a única. Cada estação de chuvas colocava a cidade diante de novos riscos. Quando os rios que desaguam no lago de Texcoco, em particular o Acolmán, transbordavam, as águas do norte e do leste refluiam para a parte das lagoas em que se localizava México. Para evitar esse perigo, Motecuhzoma I, a conselho e indicação do rei de Texcoco, Nezahualcoyotl, construiu em 1449 um dique de dezesseis quilômetros de comprimento, no sentido norte-sul, de Atzacolco a Iztapalapan, que protegia Tenochtitlán da cheia do grande lago. Vestígios desse dique notável ainda subsistem.

Assim, pode-se dizer que, dos dois problemas mais importantes enfrentados pelos mexicanos, um deles, o da água potável, tinha sido resolvido; o outro, o das inundações, só estava solucionado de modo parcial e precário: na verdade, ainda hoje constitui um sério problema para a população, apesar da moderna tecnologia. Outra questão merece nossa atenção: a higiene pública.

Como em Roma, sob os Césares, ou em Paris, sob Luís XIV, em Tenochtitlán não havia esgotos. Portanto, as águas servidas eram escoadas para os canais e a laguna, cujas águas, felizmente, eram agitadas por correntes que garantiam certo escoamento. Em diversos lugares, “em todos os caminhos”, diz Bernal Díaz, existiam latrinas públicas, cujo interior era subtraído à vista dos passantes por paredes de juncos, e era sem dúvida delas que provinham as canoas a que o mesmo conquistador alude, quando faz uma descrição do grande mercado. Notemos, de passagem, que os astecas adubavam as terras utilizando esse tipo de estrume.

O lixo doméstico era despejado nos arredores da cidade, em “terrenos baldios” pantanosos, ou enterrado nos pátios internos. A manutenção das ruas de cada bairro cabia às autoridades locais, sob a supervisão do may calpixqui, funcionário imperial que, como um prefeito, lhes dava as diretrizes. Para a limpeza das vias públicas, empregavam-se diariamente cerca de mil pessoas, as quais as lavavam e varriam com tanto cuidado que, diz uma testemunha, uma pessoa podia caminhar nelas sem temer mais por seu pé que por sua mão.⁶⁶ Na verdade, a cidade, no início do século XVI, parece ter sido salubre, graças à abundância de água, aos costumes de higiene de seus habitantes e ao clima proporcionado pela altitude. O *Codex Telleriano-Remensis*, que registra cuidadosamente todos os acontecimentos extraordinários e as calamidades — chuvas excessivas, terremotos, aparição de cometas, eclipses solares, etc. —, não menciona nenhuma epidemia. O mesmo ocorre com o *Codex de 1576* e o *Azcatitlán*. A primeira grande epidemia conhecida por México foi a de varíola, que, introduzida por um negro de Cuba que viera com os espanhóis, causou grande mortandade em 1520, acabando por levar o imperador Cuicatlahuac.

Tenochtitlán, jovem capital

Os observadores modernos interpretam de várias formas o espetáculo que acabamos de descrever. O que era exata-

mente Tenochtitlán? Um grande burgo índio, um *pueblo* ampliado? Uma Alexandria ocidental? “Embora Tenochtitlán fosse claramente, do ponto de vista social e governamental, uma cidade tribal de índios americanos [*an American Indian tribal town*], sua aparência externa era a de uma capital de império”, escreve Vaillant.⁶⁷ Oswald Spengler, ao contrário, classifica Tenochtitlán como uma das “cidades mundiais”, símbolos e resultados de uma cultura que resume nella sua grandeza e sua decadência.⁶⁸

Confesso que ignoro o que se deve entender por “cidade tribal de índios americanos”. Se isso significa que México não era verdadeiramente uma capital de império e que, por trás de seu brilhante cenário, não se encontra nada mais do que pode ser observado numa aldeia do Arizona, essa tese me parece desmentida pelos fatos menos contestáveis. Há tanta diferença entre México e Taos ou Zuñi, quanto entre a Roma de Júlio César e a dos Tarquínios. Não se deve confundir o ponto de chegada com o de partida.

Mas seria justificável considerar Tenochtitlán como uma dessas cidades refinadas e petrificadas, opulentos túmulos de uma civilização que se imobiliza antes de morrer? Também não. México era a jovem capital de uma sociedade em plena mutação, de uma civilização em desenvolvimento, de um império ainda em formação. Os astecas não haviam atingido o zênite: seu astro mal superara os primeiros estágios de evolução. Nunca se deve esquecer que essa cidade foi destruída por forasteiros antes de ter alcançado seu segundo centenário e de que, na realidade, sua ascensão datava do tempo de Itzcoatl, menos de um século antes da invasão.

Naturalmente, a evolução dos homens e das coisas foi prodigiosamente rápida em tão pouco tempo — acelerada, sem dúvida nenhuma, pelo dinamismo de um povo jovem de posse de uma rica herança cultural. Todavia, longe de se exaurir, a seiva continuava a subir naquela planta ainda vibrante de flores frescas. O tempo do esgotamento, do definhamento ainda não havia chegado. A irrupção dos homens da Europa veio interromper brutalmente um impulso ascendente que nada havia enfraquecido, então.

É por isso que, em 1519, México não parecia uma cidade acabada, uma alma morta numa couraça de pedra inerte.

É um ser vivo animado por uma furiosa vontade de poder há dois séculos. O império continua a ampliar-se para sudetes; a estrutura social está-se modificando; o modo de governar se parece cada vez menos com o de uma tribo, cada vez mais com o de um Estado. Nada nesse quadro sugere a velhice; o mundo asteca mal chega à maturidade. Nem primitiva, nem decadente, a capital reflete como um espelho um povo que conserva a coesão tribal, mas que, do alto de um império, entreve novos horizontes.

Observemos uma vez mais essa cidade, escutêmo-la. Sua atividade nada tem de febril, mas é incessante e ordenada. Uma multidão de rostos morenos e roupas brancas passa continuamente ao longo das fachadas mudas, cujos pórticos exalam o aroma fresco dos jardins. Raras conversas, e à meia voz, em meio ao roçar dos pés descalços e das sandálias. Se erguemos os olhos, vemos se destacar contra o céu luminoso as silhuetas agudas das pirâmides; mais adiante, os dois grandes vulcões erguem, acima das florestas escuras, seus campos de neves eternas. De cabeça curvada para a frente, sustentando uma correia, os homens trotam sob fardos; as mulheres vão ao mercado carregando cestas com aves ou legumes. Ao lado delas, canoas deslizam em silêncio na água. De repente, um grito se repete de boca em boca, um cortejo surge ao longe, na avenida: o imperador! A multidão se afasta e, baixando os olhos, joga flores e mantos sob os pés do soberano que avança, rodeado de dignitários, numa glória de plumas verdes e jóias de ouro.

O ar é fresco, mesmo ao meio-dia, quando se caminha ao longo dos muros sombreados, e decididamente frio à noite. Não há iluminação pública. E a noite, como todos sabem, é o reino dos seres misteriosos e ferozes que surgem nas encruzilhadas de Tezcatlipoca que desafia os guerreiros, das lúgubres Cuateteo, monstros femininos que povoam as trevas. No entanto, a cidade — ao contrário do que acontecia na mesma época nas cidades da Europa — não cessa de viver até a manhã seguinte. A luz avermelhada das tochas cinge os portais e plana acima dos pátios. É à noite que se fazem as visitas mais importantes, que se celebra a volta das caravanas, que os sacerdotes se revezam a intervalos regulares para celebrar os ritos. O som das flautas e das vozes num

lanquente de senhores ou de comerciantes, o dos gongos nos templos, ecoam na sombra rasgada nos degraus do *teocalli*, pelas chamadas de enormes trípodas repletos de madeira resinosa.

Vida intensa, complexa, à imagem de uma sociedade de aspectos múltiplos, fortemente hierarquizada, atravessada por poderosas correntes. Para compreender essa vida, precisamos, depois de ter evocado o contexto em que ela se desenvolvia, voltar nossos olhos para essa mesma sociedade.